

Vegetarianismo e candomblé: Tendências alimentares e mudanças rituais no campo religioso afro-brasileiro.

Patrício Carneiro Araújo.

Cita:

Patrício Carneiro Araújo (2019). *Vegetarianismo e candomblé: Tendências alimentares e mudanças rituais no campo religioso afro-brasileiro*. XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Lima.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-030/2334>



Vegetarianismo e candomblé: Tendências alimentares e mudanças rituais no campo religioso afro-brasileiro

Patrício Carneiro Araújo¹

Resumo

Ao observar o campo religioso afro-brasileiro nos dias atuais, é possível perceber que o tema Alimentação tem possibilitado bastantes discussões. Um dos motivos que tem provocado esse intenso pensar na comida é justamente o fato de tocar num dos elementos estruturantes do candomblé: o sacrifício de animais. Tal tema que, desde os primeiros estudos acerca dessa religião, ocupou o interesse de pesquisadores das mais variadas linhas de pesquisa, hoje volta a ocupar o centro de pesquisas e debates, tanto por parte de pesquisadores quanto de religiosos. Quando se achava que as Ciências Sociais já tinham dado conta do tema, o assunto volta à pauta com toda força. Os movimentos religiosos de tendências revisionistas, que propõem a abolição do sacrifício de animais, muitas vezes se apresentam como a materialização de uma mudança estrutural e profunda de práticas tradicionais que em outras épocas jamais seriam contestadas. Da mesma forma, tendências alimentares contemporâneas adentram os terreiros, configurando novas práticas rituais da comida e exigindo dos pesquisadores novas abordagens da alimentação, agora não mais condicionando as comidas votivas à presença de carne. Ao observar dois desses movimentos e entrevistar algumas sacerdotisas brasileiras, este trabalho pretende pensar criticamente a relação entre candomblé e vegetarianismo. Fundamentado nas tradições da Antropologia da alimentação e nas sociologias da alimentação (Poulain, 2004), pretende-se apresentar a visão das iyalorixás que optaram pela abolição do sacrifício de animais nas suas práticas religiosas, e apresentar suas mais profundas motivações, chamando a atenção para o fato de que nem sempre uma dieta alimentar vegetariana é a sua principal motivação.

Palavras chave

Antropologia da Alimentação; Vegetarianismo; Religiões Afro-Brasileiras.

Percursos alimentares e mudanças no candomblé

Este artigo, como já anunciado no Resumo, discutirá a relação entre vegetarianismo e candomblé, a partir de diálogos desenvolvidos junto a duas iyalorixás de São Paulo, e em entrevistas coletadas com religiosos do candomblé de Fortaleza e sua região



metropolitana. A inclusão desses últimos se deve ao fato de eu estar vivendo naquela cidade e no momento desenvolver uma pesquisa a respeito de alimentação junto às populações de terreiros, pesquisa essa que tem trazido muito material interessante acerca dessa relação entre vegetarianismo e candomblé.

Meu interesse por esse tema surgiu quando desenvolvi a pesquisa acerca da abolição do sacrifício de animais em uma casa de candomblé de São Paulo, mais precisamente o candomblé sem sangue, praticado por Mãe Solange Buonocore, em Guarulhos, pesquisa essa que deu origem ao livro *Candomblé sem sangue? Pensamento ecológico contemporâneo e mudanças rituais nas religiões afro-brasileiras* (Araújo, 2019).

Naquela ocasião, ao analisar o movimento revisionista que propõe a abolição do uso do abate religioso no candomblé, também constatei que essas mudanças afetam diretamente as culturas alimentares dos terreiros, já que o abate também está ligado à produção de alimentos para as comunidades religiosas, apesar de esse não ser exatamente seu único objetivo. Como se sabe, o produto do sacrifício de animais nas religiões afro-brasileiras se subdivide, basicamente, em duas categorias: (i) as *extremidades* do animal sacrificado (patas, cabeça, pele, cauda...) e as *partes internas* (órgãos vitais, sangue, ossos...), que são oferecidas às divindades e (ii) a *carne nobre* que é destinada ao consumo dos membros da comunidade religiosa, às visitas, ou mesmo à comunidade do entorno dos terreiros. Esse gerenciamento do produto do sacrifício faz com que a cultura do terreiro esteja muito associada ao consumo de carne, seja por parte dos seus membros, seja por parte das visitas que por ali passam, principalmente em dias de festa, ou ao entorno do terreiro. Fala-se mesmo em terreiros que, localizados em regiões de muita pobreza e carência, são os principais distribuidores de proteína animal para as populações pobres do seu entorno. Os estudos de Roberto Mota a respeito do xangô pernambucano são clássicos para essa discussão.

Ao pensarmos esse panorama, somos, então, instigados a pensar a relação entre a abolição do sacrifício e os regimes alimentares ligados ao terreiro e seu raio de influência. Conforme relatei no livro *Candomblé sem sangue?* (Araújo, 2019, p. 109), a ialorixá Mãe Solange Buonocore afirma que, na casa dela, a abolição do sacrifício não está ligada ao vegetarianismo. Quando interrogada, ela falou categoricamente que não era vegetariana:

Quando ela me falou que o Alawowo dissera que depois que “limpasse a casa do sangue” ela não poderia mais abater animais nas dependências do terreiro, nem mesmo para comer, travou-se o seguinte diálogo entre nós: Patrício: *mas pode comer a carne*



que não tenha sido sacrificada? Mãe Solange: Pode. Patrício: E aqui se come? Mãe Solange: Carne? Sim. Patrício: Então não é uma questão de vegetarianismo? Nem de veganismo? A senhora não é vegana? Mãe Solange: Não sou vegana e nem vegetariana. Patrício: Porque geralmente também as pessoas acham que tem a ver com isso, não é? Mãe Solange: Não tem. Não tem nada com isso. (Araújo, 2019, p. 109).

No Brasil, a publicação do livro coincidiu com um momento de grande tensão entre o povo de candomblé, já que naquela mesma época houve a votação da constitucionalidade do abate religioso de animais, no Supremo Tribunal Federal, a mais alta corte de justiça brasileira. A votação do Recurso Extraordinário (RE) número 494601 mobilizou tanto as populações de terreiro, que lutavam para garantir a manutenção do direito ao abate, quanto setores da sociedade ligados aos direitos e à defesa dos animais.² Muitos desses grupos, como se sabe, também mantêm algum vínculo com círculos de culturas alimentares vegetarianas e veganas. A tensão se acentuou tanto que atingiu, de certa forma, a divulgação do livro. Na ocasião, depois de algumas especulações referentes ao meu posicionamento “contra” ou “a favor” do abate, preferi suspender a divulgação do livro e aguardar o arrefecimento dos ânimos em torno do uso do sangue no candomblé. Até porque, sendo o livro resultado de uma pesquisa sistemática e uma análise socioantropológica dos fenômenos envolvidos na questão do uso do sangue nessas religiões, as interpretações aligeiradas e fundamentadas apenas na leitura do título do livro poderiam diminuir a importância da discussão apresentada nele, além de correr o risco de macular a minha própria imagem, tanto como pesquisador quanto como religioso que também sou.

Enquanto eu aguardava o melhor momento para voltar a divulgar o livro, fiquei sabendo da existência de outra iyalorixá de São Paulo, que também já realizava o que estava sendo anunciado e divulgado no ciberespaço como “candomblé vegetariano” ou “candomblé verde”. Comecei então a buscar, entre meus contatos de São Paulo, informações dessa iyalorixá, que se apresentava como Iyá Senzarumban e respondia pelo Ilê Axé Iyá Tundê. Só depois de algum tempo, eu chegaria a essa sacerdotisa, tendo conseguido entrevistá-la no dia 11 de setembro de 2019.

Iyá Senzarumban e o Candomblé vegetariano

Quando entrevistei a Iyá Senzarumban, em setembro de 2019, iyalorixá que se tornou conhecida por, supostamente, ter adotado um “candomblé vegetariano”, identifiquei um movimento muito parecido com aquele percebido em Mãe Solange Buonocore. Não no



plano da prática ritualística e da fundamentação teológica para seu modelo de culto, mas para se afastar da associação com um regime alimentar vegetariano.

Em 2011, mesmo já sendo “velha de santo” (iniciada em 1964), a ialorixá paulista Shirley Badaró, cujo nome iniciático é Senzarumban, tornou-se conhecida no ciberespaço com uma matéria jornalística escrita por um dos ogãs da sua casa, Ademir Barbosa Júnior. No texto que foi republicado em vários blogs, Ademir afirmava:

Candomblé Vegetariano é Candomblé. Não é dissidência, mas sim uma maneira de conectar-se com as energias dos Orixás. Não há casas em que se corta menos, situações em que não se corta? Pois bem, paulatinamente Iya Senzaruban adaptou os fundamentos à prática vegetariana, não criou uma nova religião. Candomblé Vegetariano é Candomblé. E toda festa de santo é celebração. Todo iniciado é "do santo". Não há casas em que fundamentos diferem? Não há nações com práticas diferenciadas? Ninguém aprisiona as energias, ninguém aprisiona os Orixás. (Júnior, 2011).

Naturalmente, como se era de esperar, as reações ao texto foram muitas e a maioria contrária, já que, para a maior parte do povo ligado às religiões afro-brasileiras, vegetarianismo e candomblé são duas coisas absolutamente incompatíveis. Ciente de que haveria críticas, tanto a suas palavras quanto ao modelo de culto da Iyá Senzarumban, no mesmo texto o Ogã Ademir afirma:

Dialética e dialogicamente, quanto mais vivencio o Candomblé Vegetariano, mais aprendo a respeitar o fundamento do corte. É natural que o Candomblé Vegetariano atraia vegetarianos, pessoas e entidades que trabalham com resgate e direitos de animais, contudo isso não nos confere o direito de discriminar irmãos-de-santo, terreiros etc. Prática plural e geralmente inclusiva, o Candomblé, em sua vertente vegetariana, não atrai apenas os que não comem carne ou que não trabalhem o corte como fundamento: as portas estão sempre abertas para todos. Conforme registrei em diversos escritos (e faço disso um lembrete para mim, como integrante do Ilê e como Ogã), e isso não se aplica apenas ao Candomblé: "Candomblé Vegetariano: uma prática que respeita os fundamentos de outras tradições e amorosamente também exige respeito". (Júnior, 2011).

A partir desse episódio, o modelo de candomblé vegetariano de Mãe Senzarumban passou a ser motivo de conversa entre as mais variadas expressões de religiosos ligados ao mundo das religiões afro-brasileiras. É curioso o fato de, mesmo com o texto sendo republicado em vários ambientes virtuais, o modelo de culto e a própria Senzarumban não terem se tornado muito populares. Como poderemos interpretar isso? Por outro lado, no mesmo Estado de São Paulo, desta vez na cidade de Guarulhos, seis



anos depois da publicação do texto do Ogã Ademir (portanto, no ano de 2017), outra iyalorixá que, mesmo não se afirmando vegetariana, também resolveu abolir o sacrifício de animais, gravou um vídeo anunciando a primeira iniciação no candomblé sem o uso de sangue, adquirindo grande visibilidade e popularidade por meio do ciberespaço. Tratava-se de Mãe Solange Buonocore. Contudo, mesmo tendo a abolição do uso do sangue animal em comum, há muitos aspectos que diferenciam essas duas sacerdotisas no que diz respeito a como se afirmam e afirmam seus novos modelos de culto. Um dos elementos que as diferencia é o trato com a alimentação intraterreiro e, principalmente, o trato com o consumo de carne.

Por ocasião da entrevista concedida a mim, por exemplo, assim como Mãe Solange, Iyá Senzarumban também se esforçou por explicar que, ao adotar um modelo de candomblé “sem corte” (sem sacrifício), a intenção não era ceder a regimes alimentares adotados por ela ou por seus filhos-de-santo. Mãe Shirley Badaró, ou Iyá Senzarumban, como prefere ser chamada, mãe-de-santo residente no Jardim Santo Eduardo, Embu das Artes, São Paulo, explica que o vegetarianismo em sua casa é uma realidade, mas não foi o fator principal para definir as mudanças rituais estruturais que adotou em relação ao sacrifício. Ao longo da entrevista, insisti em perguntar, por exemplo, se a maioria dos seus filhos era vegetariana; ela respondeu: “Nada. Não”. Então, insisti na pergunta: “A senhora é vegetariana?” E ela respondeu: “Não. Eu já fui durante vinte anos, mas eu comia ovo e produtos de laticínio, mas então eu fui durante vinte anos. Mas eu tive um CA. Tive câncer e aí quando eu fui pra quimioterapia não segurei a onda e aí tive...”.

A essa altura da conversa, eu quis saber da Iyá Senzarumban como ela mesma classificava o candomblé praticado por ela e que era chamado pelos outros de “candomblé vegetariano”. Então perguntei: Como que a senhora classifica esse candomblé que a senhora faz? Ao que ela respondeu:

Sem cortes. Porque. Aí falam: “É uma umbanda?!” Não, não é uma umbanda. Porque todo mundo tem preceito, e não é preceito de umbanda. Porque na umbanda todo mundo faz o batismo. Porque eu também posso falar de umbanda né? Umbanda, umbanda. Não é umbandomblé. Umbanda, umbanda. São os mesmos preceitos. (Iyá Senzarumban, 2019).

Perguntei, então, se ela recolhia, raspava, colocava kelê, mantinha os neófitos na esteira, fazia toque público para apresentar o recém-iniciado. Todos esses elementos rituais fazem parte do complexo ritualístico da iniciação no candomblé, independentemente da



nação. Ela confirmou fazer todos esses procedimentos, com a única ressalva de que, por não dispor de espaço adequado, costumava dar os toques públicos na mata.

Como eu também queria entender a relação entre o modelo religioso e a cultura alimentar, continuei indagando a respeito das relações entre a abolição do sacrifício e a alimentação no terreiro. Perguntei então: “E a questão da alimentação? Porque quando se tira o corte também, como eu diria, também se modifica o regime alimentar, né? Porque geralmente o corte ele também produz carne pra festa, né? Aí no caso da senhora, como é que fica a alimentação do povo?” E ela me respondeu:

A alimentação de festa aqui geralmente é assim, é uma feijoada que às vezes vai carne e às vezes não. Às vezes é vegetariana e as pessoas nem percebem. Não percebem mesmo. Ou, muito acarajé. Porque é uma facilidade que eu tenho. Eu tive durante muitos anos uma barraca de acarajé por São Paulo todo. Aí faz um omolocum, deixa alguns camarões de fora para o povo, porque não pode também exigir. Mas, eu estou mais para fazer umas festas sem carne mesmo, né? Assim, e sem bebidas. (Iyá Senzarumban, 2019).

Insisti ainda mais um pouco: “Mas, em algum momento serve-se carne?”, e ela explicou:

Sim. Por exemplo, eu fico com muito dó de não servir uma feijoada quando é um filho de Ogum. Dói. Aí eu vejo às vezes: esse momento está propício para eu pegar... mas, assim, é uma carne seca, uma linguicinha, que vai dentro. Posso. Não vai pés, não vai internos, nada disso. Mais ligh primeiro porque as pessoas hoje em dia não podem comer tanta gordura assim. E eu tenho que ficar atenta à saúde física também. Não só de meus filhos, mas de quem... Mas, tem molho de pimenta, tem farofa, não tem bacon. (Iyá Senzarumban, 2019).

Nota-se, com as palavras da iyalorixá, tanto um esforço para legitimar seu novo modelo de culto, quanto para administrar os regimes alimentares adotados por seus filhos-de-santo e pelas visitas que comparecem à sua casa. Contudo, como suas próprias palavras denunciam, ela insiste em dissociar do seu modelo de candomblé do rótulo de vegetariano.

Considerando, porém, que realmente se trata de um novo modelo de candomblé, já que se afirma sem corte (abate religioso, sacrifício de animais), ao final da entrevista insisti, ainda mais uma vez, acerca da relação desse novo modelo com o mundo dos terreiros de candomblé e da própria religião: “E o modelo de culto da senhora é algo que a senhora deseja que seja para o candomblé como um todo ou a senhora vê esse modelo mais para a casa da senhora?” e a sacerdotisa completou:



Não. Pra minha família. Por exemplo, eu tenho filhos que quando foram passando para o sem cortes não se adaptaram e foram... Eu mesmo dei santo e liberei: "Vá pra casa de fulano que você vai se dar bem. Você não vai se adequar. Você não vai se adaptar." Entende? Agora quem está... Eu tenho muitos filhos de santo que tem casa aberta realmente são ebomes que já vem aqui ou são pai-de-santo de umbanda que sentem a necessidade. Então tem filhos e netos e cada um é livre. (Iya Senzarumban, 2019).

Ao final das conversas com a Iyá Senzarumban, ficou a impressão de que o novo modelo de candomblé vegetariano ainda encontra dificuldade de se afirmar. O modelo sem corte assumido pela sacerdotisa parece ser apenas um primeiro movimento na direção daquilo que poderá ser esse candomblé vegetariano. Mesmo ela tentando dissociar a abolição do sacrifício de um modelo vegetariano, percebem-se práticas e performances vegetarianas compondo parte das vivências internas do terreiro. Contudo, notei uma dissonância relativa entre as matérias publicadas na internet a respeito dela e o conteúdo da entrevista. Tal dissonância seria resultado de interpretações pouco fidedignas dos repórteres que a entrevistaram em outras épocas, ou de mudanças de postura da própria sacerdotisa entre as entrevistas anteriores e aquela concedida a mim? Essas são questões que poderiam ser melhor apuradas, inclusive comparando os conteúdos das diferentes entrevistas e ouvindo mais a própria Iyá Senzarumban.

Conforme já anunciei, quando interrogada se seu novo modelo de candomblé era tributário do seu vegetarianismo, Mãe Solange Buonocore (Guarulhos) fez questão de afirmar que não era vegetariana e nem aboliu o sacrifício em nome de vegetarianismo dos filhos. Chegou mesmo a afirmar que na casa dela o consumo de carne não era interdito. Segundo ela, o interdito se dava apenas no tocante ao sacrifício, sendo que aqueles e aquelas que desejassem comer carne teriam que adquiri-la no mercado, já que dentro da casa não se podia abater animais, desde que seu Alawowwo limpava sua casa do sangue.

Iyá Senzarumban, por sua vez, recusou a pecha de "candomblé vegetariano", mas admitiu que o vegetarianismo em sua casa é uma realidade. Tendo viajado pela Índia e vivido no Sri Lanka, onde estudou Medicina tradicional, Mãe Senzarumban entrou em contato com diferentes culturas alimentares e admite ter adotado procedimentos rituais diversos, que foram posteriormente incorporados ao seu modelo de candomblé, apesar de afirmar que a abolição do sacrifício em sua casa não se deve à adoção do vegetarianismo. Quando perguntei como surgiu a ideia de um candomblé vegetariano, ela respondeu:



Então, surgiu o vegetariano porque tem um amigo meu que é Xamã, né? É o Maxuel nem sei quando também porque a gente fazia, a gente participava, tinha uma amiga em comum que fazia uns encontros que chamava “Encontro de buscadores” que éramos assim, tinha tudo que você possa imaginar. Então tinha eu que era mãe-de-santo, tinha ele como xamã, tinha outra que via a borra de café, tinha ufólogos, muito importante na época, a Revista Planeta, tinha uma série de gente né? Que a gente ia para um monte de lugar no Brasil. Fui Para o Nordeste, fui pra Argentina... Bem eu fui pra Argentina não lembro se foi através disso, mas então esse amigo meu, que é do Oxósse também, há muitos anos, e aí eu estava lá de plantão, com aquele negócio dele e aí eu fui lá e encontrei o Pai Silvio de Xangô, que é, eu acho, parente carnal dele, eu acho alguma coisa assim, e a gente conversando e aí ele fez uma entrevista comigo e aí é que surge isso não sei se... olhando a data da entrevista lá, eu acho que faz uns quinze anos eu acho. Menos de dez quinze anos eu acho. E ali ele não diz candomblé vegetariano, mas, aí passou a onda a reproduzir sabe a mesma entrevista sabe? E começaram a falar que eu era a mãe-de-santo vegetariana. (Iyá Senzarumban, 2019).

Ela afirma, inclusive, que seu regime alimentar vegetariano é anterior à viagem para a Índia. Quando interrogada a respeito das interferências do vegetarianismo nas práticas alimentares do seu terreiro, Iyá Senzarumban afirma que as comidas votivas, assim como as comidas servidas às visitas, são adaptadas para serem feitas sem o uso de nenhum aditivo animal. E diz que a recepção por parte dos comensais tem sido positiva.

Assim no Ceará como em São Paulo: Vegetarianos adentram os terreiros de candomblé

Na mesma ocasião em que estava preparando este artigo, eu também desenvolvia uma pesquisa maior a respeito de alimentação nos terreiros. E naquela ocasião, eu estava entrevistando autoridades religiosas do candomblé de Fortaleza (CE) e sua região metropolitana. Aproveitei então para acrescentar ao esquema das entrevistas que eu estava aplicando uma pergunta acerca de vegetarianismo e candomblé. As respostas dos religiosos foram muito ricas para se compreender essas relações. Portanto, o universo de pesquisa que compõe a base para este artigo são as entrevistas coletadas com duas iyalorixás de São Paulo (Iyá Solange Buonocore e Iyá Senzarumban) e as entrevistas coletadas com autoridades religiosas em Fortaleza e região metropolitana (Iyá Valéria de Logun Edé, Pai George de Iemanjá, Ogã Leno de Oxósse, Pai Lyncolin de Xangô Ayrá, Ogã Higor de Oxósse).³ Desses, deve-se destacar que os únicos que aboliram o sacrifício de animais em seus cultos são as duas iyalorixás de São Paulo.



Vejamos, então, como a questão do vegetarianismo aparece nos relatos dos interlocutores de Fortaleza.

Depois que deixei a cidade de São Paulo e fui viver em Fortaleza, Ceará, passei a desenvolver pesquisas junto ao povo de terreiro daquele Estado. No que se refere à minha pesquisa acerca de alimentação em terreiros, ali pude ter acesso a uma riqueza de informações e dinâmicas muito interessantes de mudanças e negociações no que se refere à aproximação entre vegetarianismo e candomblé.

Sabe-se que Fortaleza tem se tornado um importante centro gastronômico no Nordeste do Brasil. A multiplicação de escolas e cursos de Gastronomia - seja em universidades públicas, como a UFC, UECE e IFCE, ou em instituições privadas, como a Escola de Gastronomia Social Ivens Dias Branco -, é um indício evidente do quanto as culturas alimentares naquela região do Brasil são pauta comum. Como é de se imaginar, em meio a uma cultura tão forte do comer, os povos de terreiro também não se mantêm à margem dessas dinâmicas alimentares.

Hoje, no plano do consumo e dos circuitos gastronômicos da cidade, qualquer vegetariano e vegano que tiver interesse em degustar comidas da culinária afro-religiosa vegana o fará com muita facilidade. Além de outros espaços, na Avenida da Universidade, centro da cidade de Fortaleza, um restaurante afro-vegano recebe turistas de diferentes origens e procedências. Um fato curioso chama a atenção de quem não conhece ainda a estética dos terreiros: a responsável pelo restaurante *Malaguetta* recebe e serve seus clientes com a chamada “roupa de ração”, composta por torço (espécie de turbante), pano da costa (tecido que cobre parcialmente o tórax das mulheres de terreiro), saio (saia longa que se estende até o tornozelo), camizu (espécie típica de blusa rendada) e fios-de-conta no pescoço, dentre os quais se destacam os fios do seu orixá, Obaluayê.

Quando comi nesse restaurante pela primeira vez, eu já sabia que ele pertencia a filhos do *Ilê Axé Omo Tifé*, terreiro de uma das iyalorixás mais conhecidas de Fortaleza, Mãe Valéria de Logun Edé. Após degustar acarajé, abará, vatapá e outras iguarias da cozinha afro-baiana, na sua versão vegana, fui cumprimentar a *chef* e dona do restaurante e aproveitei para dizer que conhecia a sua iyalorixá. A jovem, exibindo sua estética de terreiro, ficou muito contente com o cumprimento e me convidou a voltar lá outras vezes.



Fiquei muito interessado em conversar com a Mãe Valéria a respeito dessa relação entre candomblé e veganismo-vegetarianismo. Meses depois, pude entrevistá-la em seu terreiro. Ao conversar com Mãe Valéria acerca de candomblé e vegetarianismo, ela foi enfática em afirmar que, mesmo tendo muitos filhos e filhas de santo vegetarianos e veganos, as negociações se limitam a oferecer aos filhos alternativas alimentares que respondam a seus regimes alimentares. Segundo esta iyalorixá, mesmo negociando com os filhos, não tem como negociar com o orixá o consumo de carne. Segundo Mãe Valéria, em sua casa, depois da chegada de filhos vegetarianos, passou-se a pensar mais na alimentação dos filhos, oferecendo uma mesa a mais de alimentos.

Ao explicar que no candomblé sempre existiu uma mesa diferenciada para Oxalá, já que este orixá não pode comer nada que tenha azeite de dendê, com a população vegano-vegetariana que aderiu à sua comunidade, também surgiu a necessidade de criar uma mesa específica para eles. Mãe Valéria explica ainda que seus filhos vegano-vegetarianos não se recusam a comer pequenas porções de carne, principalmente os órgãos internos das aves sacrificadas, chamadas no terreiro de “axés”, quando em contextos rituais. Essa mesma informação seria confirmada por mim algum tempo depois, ao entrevistar um dos seus filhos vegetarianos, o Ogã Higor de Oxósse. Tanto a partir das palavras da iyalorixá quanto das palavras do seu filho entrevistado, pôde-se perceber que a chegada de filhos vegano-vegetarianos não implicou mudanças profundas nos ritos, mas apenas em adaptações nas mesas de refeição da comunidade. Ou seja, as divindades continuam se alimentando como sempre aconteceu; apenas a comunidade teve que se adaptar para oferecer aos vegano-vegetarianos uma alimentação compatível com suas dietas alimentares. Quando interrogada se o vegetarianismo-veganismo representa um impedimento para que a pessoa se inicie no candomblé, Mãe Valéria foi enfática em afirmar que não. Desde que o adepto soubesse diferenciar o que era próprio da pessoa e o que era próprio do orixá. Isso porque, mesmo a pessoa não comendo carne, haveria momentos em que o orixá precisaria comer ou mesmo ingerir algo relacionado com proteína animal.

Na entrevista do filho de santo de Mãe Valéria, pude perceber também que, quando o adepto está disposto a negociar consumos pontuais e rituais de carne, o vegetarianismo não representa motivo de conflitos intraterreiro. Esse mesmo filho de santo afirmou que, em uma ocasião de bori,⁴ quando ele teria que participar dos ritos de comensalidade, a partir das vísceras das aves, ele comeu sem problema nenhum, porque considerava tratar-se de parte importante do rito e isso não representava uma quebra da sua



convicção alimentar de vegetariano. O mesmo se afirmou em relação a outras filhas-de-santo vegetarianas existentes naquele terreiro. Também estas, segundo o entrevistado e segundo a iyalorixá, não se contrapõem a consumos pontuais e rituais de carne. Contudo, o sacerdote auxiliar e sucessor de Mãe Valéria – Pai George -, admite que, no caso da filha-de-santo que possui o restaurante vegano, esta evita ingerir carne na presença de visitas que sejam, ou potencialmente venham a ser, seus clientes no restaurante. Isso nos faz perceber que as negociações se dão tanto no que se refere à relação desta filha-de-santo com sua comunidade religiosa quanto na relação entre ela e seus clientes no restaurante. O consumo de carne mostra-se, então, como importante dispositivo de negociações de relações para dentro e para fora do terreiro. Nessa perspectiva, será que é possível afirmar que o veganismo-vegetarianismo se localiza mais em função de questões de pertencimento de classe que perpassa os pertencimentos religiosos?

Já o posicionamento do Ogã Leno se mostra bem mais contundente do que o da Mãe Valéria, no que se refere à relação entre vegetarianismo-veganismo e relações de classe. Na fala do Ogã Leno, outra importante personalidade do candomblé cearense, que também foi entrevistado por mim, a ligação entre regime alimentar e classe fica bem colocada. Segundo Leno, veganismo-vegetarianismo é coisa de classe média e rica. Ao interrogá-lo acerca dessa relação, Leno me respondeu com outra pergunta: “- Você já viu pobre vegano?”. Segundo ele, o pobre muitas vezes não tem acesso nem mesmo ao alimento. Por isso, não teria interesse em manter uma dieta vegano-vegetariana. Sendo assim, isso seria uma coisa de classe média e rica, o que perderia o sentido nessas discussões. O Ogã Leno também tece críticas contundentes aos movimentos que tentam associar vegetarianismo à crítica ao abate religioso de animais.

Na sua compreensão, posicionamentos desse tipo apenas reproduzem o racismo existente na sociedade brasileira, que vê no abate religioso formas de primitivismo religioso. Leno também reafirma a opinião muito disseminada entre gente de candomblé que o abate religioso e o consumo de carne nos terreiros, além de estarem ligados a elementos identitários, muito importantes para essas populações, também revelam aspectos da soberania alimentar dessas populações e das estratégias de segurança alimentar que, por um lado, dão destino às produções sustentáveis inerentes à vida nos terreiros (criação de galinhas, cultivo de frutas tubérculos, folhas, etc.). E, por outro, garantem os arranjos nutricionais próprios de uma alimentação saudável e natural que



subverte a lógica da grande indústria de alimentos dominada pelo capital, e que nem sempre respeita as culturas tradicionais, como é o caso do candomblé.

Durante a sua fala, Leno é categórico ao afirmar que, caso algum vegano-vegetariano não se reconheça no candomblé em função do consumo de carne, ele deve se sentir muito à vontade para procurar outras expressões religiosas, inclusive aquelas que, assumidamente, não consomem carne, como os movimentos da Consciência de Krishna e outros. Mas, em sua opinião, o candomblé não deve se adaptar a essas populações que estão chegando agora e querendo mudar tradições seculares em função das suas dietas alimentares. Segundo suas palavras, é justamente o contrário que deve acontecer. Essa opinião também reaparece em várias outras falas de entrevistados quando interrogados a respeito das estratégias de acolhida de populações vegano-vegetarianas no candomblé. No final das contas, parece que a opinião majoritária é que, caso a pessoa veja a dieta alimentar vegano-vegetariana como incompatível com o candomblé, a melhor saída é procurar outra religião e não tentar mudar as tradições do candomblé para melhor acomodar as suas dietas alimentares. Essa é, por exemplo, a opinião do Pai Lyncolin de Ayrá, quando afirma:

Eu acho extremamente complicado para um modelo de candomblé que nós temos, alguém estar numa perspectiva de uma alimentação vegana. Porque você vai praticamente contra tudo que a gente faz. Nós precisamos do sangue, nós precisamos da vida. Pelo menos da vida, sangue vermelho. Então, se você não se alimenta daquilo, como é que você vai provar dos axés que tem que provar? Como é que você vai se reenergizar, da forma que você tem que se reenergizar, que a gente sabe? A partir dos orôs,⁵ a partir da própria alimentação que também é um axé? Tem que provar daquele axé. Então, vai ser uma afronta à filosofia de vida que aquela pessoa está estabelecendo. “Ah, não vou provar”. Então, você não está compartilhando comigo daquilo. Eu acho muito complicado uma pessoa ser e estar no candomblé nessa perspectiva. Não tenho ninguém aqui que seja vegetariano ou vegano. Não. Tem pessoas que tem questões com sua alimentação por questões de saúde. Mas, ainda não chegou ninguém aqui assim. (Pai Lyncolin, 2019).

Por um momento, imaginei que a opinião do Pai Lyncolin se devesse ao fato de ele ainda não ter se deparado diretamente com a situação de ter filhos-de-santo vegetarianos ou veganos; então perguntei: “E se chegar?” Ao que ele me respondeu:

Se chegar, justamente acontece a conversinha que eu estou tendo com você. E eu vou dizer: “Meu filho, é isso, isso e isso. Você vai se sentir bem para permanecer aqui? De acordo com os rituais? Será que você vai conseguir dar conta?” “-Não, não vou. O que



é que eu faço?” Vou dizer: “Eu vou atrás de saber com o meu pai-de-santo, para saber como é que a gente pode adaptar para que você permaneça. Se você se sentir bem pra ficar aqui fica, se não, procure outra casa que você se sinta bem.” Aqui eu gosto muito de deixar as pessoas à vontade. (Pai Lyncolin, 2019).

E assim como acontece na fala do Ogã Leno, o Pai Lyncolin também tece críticas ao mercado de alimentos e às questões de classe implicadas em dietas do tipo vegetarianismo-veganismo:

Então, eu fico pensando sobre essa perspectiva do veganismo, o que é que a pessoa considera que é mais saudável. Porque, quem é que vai ter acesso, por exemplo, a alimentos orgânicos? A gente sabe de toda uma perspectiva de interesse, em relação ao nosso Brasil, da produção da fruticultura irrigada, por exemplo, ou da produção vegetal mesmo. E aí, todo o refugio que não vai para os mercados internacionais, que ele é consumido pelos brasileiros e aí a quantidade de agrotóxico que a gente consome. Então, o que é que faz bem realmente? Porque, nem todo mundo vai ter acesso a uma produção orgânica. Poucos supermercados vão ter acesso a uma produção orgânica. Nada que é orgânico. Nem o bode, que a gente compra pra Exú é orgânico. Por quê? Porque eles vão comer milho. Esse milho vem de onde? Então você está comendo ali algo que também está te fazendo mal. Você está comendo ali o tomate, o pimentão, é agrotóxico puro. Então quer dizer que uma galinha vai fazer bem ou não vai? Aí eu não sei, né? Cada um escolhe viver como quer. Eu só estou questionando o modelo e o que aquela pessoa diz e o parâmetro que ela estabelece é o correto pra vida, porque muitos deles são assim, “A minha forma de pensar é a correta”. E eu não concordo com isso, justamente por ter pesquisado isso. Diante desse mundo, eu fico pensando, até que ponto os vegetarianos e os veganos eles estão entrando realmente nessa perspectiva da moda de uma suposta vida saudável e o candomblé ele está abarcando essas estruturas também sociais e políticas dessa vida saudável. (Lyncolin, 2019).

Percebe-se, nas palavras do Pai Lyncolin, tanto uma preocupação com os quadros do candomblé quando diante da população vegetariana-vegana, quanto uma visão crítica acerca dos ideais de comida saudável, muitas vezes cooptados por um mercado e uma indústria da alimentação que ajudam a tornar ainda mais visível as linhas divisórias de classe entre quem pode ou não comer e o que uns comem e outros não. Sua fala, porém, revela que o terreiro não pode se manter aquém dessa discussão, já que as populações que compõem o candomblé são as mesmas que também têm pensado o ato de alimentar-se e as culturas alimentares.



Dinâmicas internas ao candomblé e o trato da carne: Concluindo essa reflexão que ainda deverá se estender ao longo de outros textos

Para concluir, temporariamente, essa discussão, que pretendo aprofundar ainda mais em outros textos, gostaria de lembrar que, como já afirmei acima, ao pensarmos o candomblé e as culturas alimentares ligadas a essa religião, estamos aqui diante de dois movimentos distintos e relacionados: (i) por um lado, há as mudanças rituais ligadas à abolição do abate religioso de animais, cujos exemplos mobilizados neste artigo são os modelos de candomblé praticados hoje por Iyá Senzarumban (Embu das Artes) e Mãe Solange Buonocore (Guarulhos); (ii) por outro lado, temos a questão da acolhida das populações vegano-vegetarianas no candomblé, cujo exemplo evocado aqui são os terreiros de Fortaleza (CE) e o caso da Iyá Senzarumban (Embu das Artes - SP).

Esses dois movimentos não necessariamente se implicam ou influenciam. De qualquer forma, é imperioso admitir que ambos interferem nas dinâmicas internas dos terreiros e podem resultar em conflitos e reelaborações com potencial de interferir profundamente nos modelos rituais. Como, porém, pensar essas dinâmicas sem incorrer no erro de emissão de juízo de valor ou hierarquização de modelos de culto? Como analisar o fenômeno de forma a não reproduzir os discursos revisionistas ou puristas presentes nas falas de alguns religiosos interlocutores em campo?

Um desafio das sociologias e antropologias da alimentação, na sua interface com os estudos de religiões afro-brasileiras, é pensar essas relações considerando tanto os agravantes das dinâmicas alimentares globais quanto as atenuantes locais ligadas à diversidade religiosa e às culturas alimentares regionais. Fato é que dificilmente serão encontrados membros do candomblé que admitam a existência de orixás, inquices ou voduns vegetarianos. O filme “Jardim das Folhas sagradas” (Dir. Pola Ribeiro, Brasil, 2011), já analisado por mim no livro *Candomblé sem sangue?*, é um bom exemplo disso, quando mostra o orixá Xangô destruindo com fogo o terreiro vegano em troca de uma refeição à base de tartaruga e quiabos.⁶

Por outro lado, há que se ouvir o que dizem os religiosos que têm abandonado o consumo de carne, assim como aqueles que, mesmo vegano-vegetarianos, permanecem no candomblé, não obstante terem que ingerir carne uma vez por outra, em algum contexto ritual, como é o caso do Ogã Higor Moreira, que entrevistamos em Fortaleza.

A ideia de um candomblé vegano ou vegetariano sempre desperta entre os adeptos do candomblé muitas ressalvas e desconfianças. Contudo, sabe-se que terreiros que



adotam esses tipos de regimes já são uma realidade. Como esses modelos religiosos lidarão com a resistência dos mais tradicionais é a questão. Afinal, a legitimidade não se dá apenas do portão para dentro, como se costuma falar. As famílias de santo, as linhagens, as redes de nação, etc., também fazem parte dos mecanismos de legitimação. E isso é levado muito a sério no candomblé.

Por outro lado, há quem acredite que, quando a religião não se renova e nem se abre às dinâmicas culturais contemporâneas, ela pode sofrer danos irreparáveis, como tem acontecido com muitas casas tradicionais, dentre elas o Querebetan de Zomadonu (A Casa das Minas), em São Luís do Maranhão, que praticamente se extinguiu, também em função da rigidez das suas tradições. Será que essa mesma situação também poderia se aplicar às situações de rigidez e irredutibilidade quanto ao trato com a carne e a acolhida das populações vegano-vegetarianas nos quadros do candomblé? Difícil saber ainda. Mas, o fato de essas populações estarem adentrando os terreiros, obriga a desenvolver formas de acolhê-las, acomodá-las e mantê-las nos seus quadros. E a Iyá Senzarumban já percebeu isso, segundo ela, há mais de trinta anos. A população do candomblé, de modo geral, contudo, continua vendo esse modelo, que ora adquire visibilidade, com muita desconfiança. Os desdobramentos disso tudo só o tempo e as pesquisas dirão. De nossa parte, por enquanto julgamos suficiente ter começado o debate.

Notas

¹ Professor de Antropologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), Brasil. patricionisoji@unilab.edu.br. Doutor em Antropologia (PUC/SP). Este texto foi elaborado, exclusivamente, para ser apresentado no XXXII Congresso Internacional ALAS Peru 2019, realizado em Lima, de 01 a 06 de dezembro de 2019.

² No livro já citado também analiso as questões envolvidas na votação do RE 494601.

³ As datas das entrevistas realizadas com esses sacerdotes e sacerdotisas são as seguintes: (Iyá Valéria de Logun Edé: 07/08/2019; Pai George de Iemanjá: 07/08/2019; Ogã Leno de Oxósse: 13/08/2019, Pai Lyncolin de Xangô Ayrá: 15/08/2019, Ogã Higor de Oxósse: 15/08/2019).

⁴ O Borí é um importante rito do candomblé, no qual se sacraliza e alimenta a cabeça das pessoas através de alimentos e bebidas preparadas a partir de elementos vegetais, animais e minerais.



⁵ Para grande parte do povo de candomblé, a palavra ioruba *orô* se refere ao sacrifício de animais ou, por extensão, às partes dos animais resultantes do sacrifício.

⁶ Para entender melhor esse episódio, recomendo que se veja o filme e, em seguida, se leia o trecho do livro *Candomblé sem sangue? Pensamento ecológico contemporâneo e transformações rituais nas religiões afro-brasileiras*, principalmente no trecho em que analiso o filme em questão. (Araújo, 2019, p. 73-99).

Referências

Araújo, Patrício Carneiro. *¿Candomblé sem sangue? Pensamento ecológico contemporâneo e transformações rituais nas religiões afro-brasileiras*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019. 234p.

Júnior, Ademir Barbosa. *¿O que é candomblé vegetariano?* 2011. Disponível em: <https://verdesfolhas.blogspot.com/>. Data de acesso: 15 set. 2019.

Filmografia

Jardim das Folhas Sagradas. Direção de Pola Ribeiro, 2011. Duração: 90 minutos.